

Artigo

Será que ainda amamos as crianças?

Marie-Jean Sauret

Resumo. Cruzando o processo de subjetivação com a lógica que explica a forma contemporânea do laço social, é possível tanto extrair os elementos necessários à criança para se realizar (emancipar-se do Outro parental, para que, como sujeito, seja responsável por sua posição e seus atos; dotar-se de uma solução que lhe permita se inserir no laço social; que ela coloque sua vida em uma narrativa congruente com àquela coletivamente compartilhada) quanto buscar identificar o que contraria a sua realização (o apagamento da singularidade em favor de uma individualidade formatada pelas ideologias neoliberais e o discurso capitalista). Este artigo propõe uma reconstrução isolando conceitos (desejo, gozo, sintoma) para pensar como cada um aloja que é singular no coletivo sem se dissolver na massa e sem estilhaçá-lo no rochedo da singularidade.

Palavras chave: discurso capitalista; castração; humanização; laço social; infância.

¿Aún amamos a los niños?

Resumen. En el cruce del proceso de subjetivación con la lógica explicadora de la forma contemporánea del vínculo social, es posible extraer los elementos necesarios para que el niño se realice. Eso incluye la emancipación del Otro paterno, de modo que, como sujeto, sea responsable de su posición y sus actos, la dotación de una solución que le permita insertarse en el vínculo social y la capacidad de poner su vida en una narrativa congruente con la compartida colectivamente. Eso favore la búsqueda por identificar lo que va en contra de su logro: la eliminación de la singularidad en favor de una individualidad moldeada por ideologías neoliberales y discurso capitalista. Este artículo propone una reconstrucción aislando conceptos (deseo, goce, síntoma) para pensar cómo cada uno almacena lo singular en lo colectivo sin perder su individualidad o perturbar lo colectivo.

Palabras clave: discurso capitalista; castración; humanización; vínculo social; infancia.

Do we still love children?

Abstract. At the crossroads of the child's process of subjectivation and the reasoning behind contemporary social link patterns, there lies the extraction of the elements needed for the infant's self-realisation. This involves emancipating oneself from the parental Other, so that one might - having attained selfhood -, be held accountable for one's position and actions, as well as be equipped with approaches to societal integration, in addition to constructing a life narrative which is compatible with collectively shared values. This highlights the challenge posed by current trends such as the eradication of singularity in favor of an individuality shaped by neoliberal

* Psicanalista, professor emérito, pesquisador associado ao *Centre d'étude et de recherche Travail organisation pouvoir professionnel*, Universidade de Toulouse 2 Jean-Jaurès, Toulouse, França. E-mail: marie-jean.sauret@univ-tlse2.fr

ideologies and capitalist discourse. That the child must suffer from the characteristics of the contemporary social link represents an anthropological emergency that merits both clinical and political responses.

Keywords: capitalist discourse; castration; humanization; social link; childhood.

Aime-t-on encore les enfants ?

Résumé. Le croisement du processus de subjectivation avec la logique ordonnant la forme contemporaine du lien social permet d'extraire les éléments requis par l'enfant pour se réaliser : s'émanciper de l'Autre parental pour que, comme sujet, il soit responsable de sa position et de ses actes, se dote d'une solution qui lui permette de se loger dans le lien social, mette sa vie en récit de façon congruente avec celui collectivement partagé. D'où le repérage de ce qui y contrevient aujourd'hui : l'arasement de la singularité au profit de l'individualité formatée par les idéologies néolibérales et le discours capitaliste. L'enfant a à souffrir des caractéristiques du lien social contemporain et cette urgence anthropologique exige une réponse clinique et politique.

Mots-clés : discours capitaliste ; castration ; humanisation ; lien social ; enfance.

O que deve ser transmitido de uma geração à outra para a perpetuação não de nossa espécie, mas de nossa humanidade? Como? Que mundo deixamos para nossos filhos, ou ainda, que mundo deixamos para os filhos que ainda nascerão dos filhos de nossos filhos?

Quem nunca sucumbiu à tentação de intervir junto a seus filhos pequenos (e às vezes grandes) em nome de uma experiência que acredita ter adquirido ao passar, antes deles, pelas mesmas dificuldades? Terão esses pais certeza de que merecem a confiança que requerem em nome do amor que devem ter aos filhos, afinal, eles só queriam o seu bem? Não é esse justamente um argumento pelo qual frequentemente zombamos dos outros? Por exemplo, uma jovem cujo caso é relatado por Freud como um traço de humor involuntário, argumenta numa carta de recomendação para uma vaga de governanta: “Eu mesma fui criança” (Freud, 1992)! Freud fornece a razão estrutural que rejeita esse argumento: o período de latência. *Na época de Freud, é justamente porque já fomos crianças que recalamos e ignoramos tudo dessa primeira infância.* Os sujeitos aprendiam algumas coisas com os outros que lhes antecederam. Mas de que vale hoje esse testemunho da geração precedente se ela se vê diante de uma outra observação, segundo a qual as condições da infância não são mais aquelas freudianas e talvez tampouco as que ela mesma conheceu?

A transmissão em questão, entre uma geração e a seguinte, entre pais e filhos, não é constituída simplesmente pela herança de recursos naturais e do estado do mundo, pelo legado das experiências parentais de resolução de problemas existenciais, nem da narrativa dos primeiros passos na vida. Trata-se também das condições necessárias a cada um para se realizar (se emancipar do Outro parental, assumir sua posição de sujeito responsável de sua posição e daquilo que diz, inventar a solução que lhe permite coabitar com seus semelhantes) – ou até, mais radicalmente, para se humanizar. Para mensurar essa questão, um desvio ao mesmo tempo conceitual e discursivo deveria permitir garantir uma língua comum (pelo menos no tempo de leitura do artigo) e indicar o possível lugar em que a psicanálise é aqui convocada.

Trata-se sobretudo de melhor apreender o sentido, a razão e o alcance desta questão: “Será que ainda amamos nossas crianças?”. Além da observação nunca exaustiva dos acidentes da infância, que lógica poderia explicar as mutações que legitimam essa questão?

Sujeito, indivíduo, criança

O humano é um neoteno, um prematuro, o que faz dele um dos animais mais *impotentes*. É em outras espécies que se deve procurar o desempenho no voo, na escalada, no mergulho, na apneia, na corrida, na ginástica etc. No entanto o humano conseguiu compensar sua deficiência inata por meio da adoção de uma prótese, a linguagem (o simbólico): seja a capacidade de trazer à existência (à realidade) como dito aquilo que está à sua volta, mas também aquilo com o qual ele sonha ou que não existe. O humano aprimora a sua “plasticidade cerebral”, ele é de saída um “animal aumentado” (a inteligência artificial é somente um caso em particular), ele é “mais que um animal” (Prochiantz, 2019).

O simbólico é um poder com o qual os animais rivalizam mal: o poder de representar. Em contrapartida, a linguagem é incapaz de apreender o real do qual ela trata: “ela mente”. A verdade se torna a relação do sujeito com esse real que lhe escapa, é impossível dizer tudo. Falar é consentir em mentir: “*proton pseudos*”, anotaria Freud já em 1895 (Freud, 1956), quando essa primeira mentira diz respeito ao sexual. Evidentemente, nem todas as “mentiras” são iguais...

Real do ser, ser de palavras, ser de filiação, ser de gozo

Consentir em falar é se deparar imediatamente não só com a questão de o que cada pessoa é *realmente*, mas com a resposta enganosa, mentirosa. Impossível obter algo melhor que um “ser (fabricado) de palavras” (identidade, nome, apelido, particularidades corporais etc.) para aproximar-se de seu “ser real” que foge do fato de falar (ou, melhor dizendo, “o real de seu ser” que não se deixa capturar por seu “ser de palavras”). Falar por meio da linguagem é vivenciar a falta desse real (de seu ser); e falta é desejo. Lacan nos ensinou a chamar de “gozo” a substância do real que o sujeito perde ao entrar na linguagem. Também os humanos investiram seu desejo de amparar seu “ser de palavras” (defeituoso em relação ao seu “ser de gozo”) num “ser de filiação” (Bruno, 2017). “Não posso apreender o real daquilo que sou, mas posso me dizer filha ou filho de X”, me reconhecer como “filho de X e/ou Y”.

O transcendente como resposta ao impensado do sujeito

A questão se desloca do sujeito para esse X: quem é ele para ocupar esse lugar de pai e mãe? E, da mesma forma, uma filha ou um filho de X’ e/ou Y’ – o que nos leva obrigatoriamente à interrogação sobre o primeiro da série, “o alfa” que não teve pais anteriores para nomeá-lo. Esse primeiro, fora do simbólico, *porque sem nome*, é nesse sentido real, “fora do gênero”. Ele é o primeiro a chamar seu filho de “filho”, o primeiro cujo filho lhe chamou de “mãe” ou “pai”. *A criança é, em sentido estrito, o pai do homem*. Mitos e religiões apoderam-se desse primeiro inominado sob o nome de Deus (ou Deusa): Deus é a resposta transcendente ao enigma do real do sujeito (Bruno, 2014). O real de Deus se apropria do real impensado do sujeito.

É isso que Freud tenta laicizar com a teoria da horda primitiva (Freud, 2004): mas ele não consegue escapar do mito. Ele, aliás, não busca fazê-lo: pois, tendo mudado seu nicho ecológico para um habitat languageiro, o humano *não pode não colocar sua vida numa narrativa para lhe conferir um sentido* (o que tem parte em sua realização). Na narrativa freudiana, os membros da horda matam o animal primitivo, mas renunciam a gozar das mulheres que reservavam para si. Eles tiram de seu cadáver um traço que erigem como Totem (primeiro esboço do Nome-do-

Pai) do qual se declaram filhas e filhos. Disso resultam a substituição da biocenose pelo social, a proibição do incesto e os interditos de assassinato e canibalismo entre membros do clã. E como as mulheres, com as menstruações, a gravidez, o parto e a amamentação, lembram aos humanos de sua dívida para com a natureza da qual eles se emancipam, os homens (a sociedade nascente) tentam dobrá-las à lei simbólica por meio da exogamia. De um lado, o mito reconhece o fato de que não é possível humanizar-se sozinho, ou não haveria troca de palavra e de aliança possível. De outro, o mito é contraditório, uma vez que marca os limites da linguagem em relação ao real: se há troca, na segunda geração as relações sexuais se estabelecem com “primos” – próximo ao que Françoise Héritier designou como incesto de segundo tipo (Héritier, 1997) –, mas um impossível foi colocado em torno do qual se estrutura a ordem genealógica. O que faz da aliança uma espécie de legalização do incesto.

A função da família, nascimento da sociedade

A neotenia leva a uma outra consequência: ela impõe ao humano um longuíssimo tempo de maturação antes de ele se tornar adulto, o que chamamos de “infância” (Arènes, 2021). Onde a adoção da família para a educação, os cuidados, a proteção, mas também para evitar que as crianças se tornem objeto do gozo pedófilo dos adultos, permitindo ao mesmo tempo uma atividade sexual aos pais. A família é confiada à transmissão dos elementos graças aos quais a humanidade se humanizou: a linguagem (por meio de uma língua), o simbólico, seus interditos e imperativos, a fala, a forma social definida pelo compartilhamento do mito, cremos nele ou não (Veyne, 1992), e ainda a figura de Deus como aquele que assegura o poder daqueles que, em seu nome, exercem a autoridade na sociedade e até na família.

A educação da criança não consiste somente na adoção dos códigos de boa conduta em sociedade. Nem tudo do animal humano passa pela linguagem. O humano é separado, pela linguagem, de seu organismo. A necessidade se torna pulsão enquanto o instinto se torna libido. E as pulsões, limites entre o psíquico e o somático (Freud, 2018), exigem ser satisfeitas. E para isso se deve pagar um tributo à linguagem: não comemos simplesmente para viver como os animais, mas devemos satisfazer nosso desejo (que prefere isso ou aquilo mesmo às custas da própria saúde) e comer o significante – ou seja, comer uma refeição cozida (arte culinária). A agressividade deve ser sublimada, dobrada à linguagem, para proteger o grupo da violência dos outros e da própria, nativa: o exército, a caça etc. afastam-na de seus próximos. Mas há um resto irreduzível ligado ao próprio fato da vida. A humanidade também alistou a sexualidade ao sublimá-la no amor ao próximo e ao desviar o ódio para o inimigo exterior. Novamente um resto irreduzível permanece, sem o qual a humanidade teria sido extinta logo após nascer, por não se reproduzir. Esse resto, que Freud e Lacan qualificam de *perversão*, também exige ser tratado e, para fazê-lo, requer progressos da sociedade (Freud, 2010; Lacan, 1960).

Trabalho de cultura e civilização

O humano coloca seu desejo e mobiliza suas pulsões em todos os registros: técnica, arte, mito, religião, ciência etc. Esse é o “trabalho de cultura” cujo instantâneo, em dado momento, retrata uma civilização (Freud, 2004). Isso é o suficiente para compreender que as *crianças constituem um bem precioso, uma vez que elas são não somente a garantia de uma sobrevivência da animalidade do humano, mas também da transmissão das condições necessárias ao processo de humanização*: a “Saúde Cultural” (Sophie Marinopoulos, 2019)

está no cerne desse processo. A tese de Freud, com a reiteração simbólica do assassinato das origens no Édipo, é que a criança não se humaniza porque seus pais são humanos, tal como um cão é um cão porque foi gerado por cães. Ela se humaniza porque ela refaz, por si mesma, o passo pelo qual a humanidade se humanizou (Sauret, 2005) e contribui para o aperfeiçoamento de nossa coletividade sob a condição de que lhe sejam fornecidos os meios para tal. Há aí “boas” razões para amá-la!

Sabemos disso de forma intuitiva. O processo de transmissão não se dá com o nascimento dos filhos, mas quando os filhos desses filhos se dirigem a seus avós: o que dá um tom especial à arte de ser avô ou avó (Hugo, 1985). Essa transmissão é homogênea à experiência analítica: a psicanálise não é transmitida somente porque um novo analista se levantou do divã de um psicanalista, mas porque um analista se levantou do divã de um analista que se levantou de um primeiro divã. Por essa lógica, seria necessário verificar se o último elo dessa cadeia teve um analista, para então poder verificar que de fato houve *algum* psicanalista desde Freud! A humanidade só terá certeza de sua humanidade se ela permitir ao último de seus representantes se realizar como tal! O processo de humanização lembra uma corrida de revezamento, mas na qual é o primeiro corredor que recebe o bastão do segundo, este do terceiro e assim sucessivamente: o bastão vai da linha de chegada rumo à linha de partida. Em certo sentido, todo humano saberia que a humanidade foi bem-sucedida se ele pudesse verificá-la a partir do último homem!

A criança ao longo dos tempos, a criança da ciência

A história nos ensina que possivelmente a criança nem sempre foi amada, ou pelo menos não desde o início. Na Roma antiga, cabia ao “*pater familias*” decidir se ela morreria ou viveria, se ela seria adotada ou rejeitada, livre ou escrava. E de fato, em épocas em que a mortalidade infantil era grande, não se apegar demasiado cedo às crianças era uma defesa comum¹. Apesar das controvérsias em torno de sua obra, Philippe Ariès nos apontou para o fato de que as primeiras representações de crianças na arte têm proporções de adultos e que, salvo o menino Jesus, somente no século XII surgiriam as primeiras representações *de crianças concretas* (e com proporções infantis): em túmulos. A criança entra para o discurso como morta! No entanto ela deixa de ser um adulto em miniatura e passa a ser dotada tanto de características próprias à infância quanto de uma identidade (Ariès, 1960). Além disso, o que dizer da prática (muitas vezes devida a nascimentos múltiplos ou problemas de saúde parental etc.) que consistia em abandonar as crianças às amas de leite, ditas “mercenárias”, essas mulheres que, a fim de “ganhar a vida” com um emprego, nutriam os filhos de suas patroas no lugar dos seus próprios, que por sua vez eram relegados e amamentados por uma outra (Le Roy Ladurie, 1979)?

O estatuto da infância se modifica com a mutação do saber inaugurado pela virada do século XVII. Apesar de precursores como Erasmo de Roterdã, Rabelais, Lutero e Inácio de Loyola e de instituições cristãs como a dos Salesianos, os irmãos das escolas cristãs, com João Batista de la Salle (e posteriormente Dom Bosco), foi somente no século XVIII que, com Rousseau, reconheceu-se a nobreza da pedagogia e no século XIX que se assistiu ao surgimento das ciências da educação. Foi nesse momento que foram criadas instituições capazes de apoiar as famílias ou de até mesmo de ocupar-se das crianças mais ou menos totalmente dependendo das

1 Cf. as primeiras páginas de Süskind, 1988.

deficiências e da situação de abandono de cada uma. A criança que se cuide: a ciência vai se ocupar dela!

Todos sabem, é claro, o peso que tiveram nesse domínio a guerra e o governo de Vichy (na França), cuja ideologia “trabalho, família, pátria” criaria os primeiros estabelecimentos e ocupações profissionais até então mantidas majoritariamente pelos religiosos. Lembremos o estudo jamais igualado de 100 mil crianças realizado pelo Instituto de Ciências Humanas sob a direção de Alexis Carrel² durante a ocupação, encarregado de avaliar as crianças em bom estado de saúde, as que eram recuperáveis e o “rebanho irre recuperável” – cujo destino na época é bem conhecido. Daniel Lagache foi encarregado da nomenclatura, e os resultados desse estudo praticamente fundaram as políticas de saúde até o mandato presidencial de Giscard D’Estaing (1974-1981): sem dúvida, nem todas as crianças eram amadas (Ohayon, 1999).

Em *Asperger’s Children: The Origins of Autism in Nazi Vienna*, Edith Sheffer demonstra que essa lógica não é estritamente “pétainista” (Sheffer, 2019). Além disso, a obra é uma oportunidade de abordar a questão desse *real que faz de todos uma exceção, portanto singular, que escapa ao saber da ciência*. Não é gratuito que Lacan (1976) tenha reconhecido seu próprio sintoma³ nesse real que ele é o primeiro identificar como tal (a ponto de criar sua indexação pela letra *a*). As políticas sociais na Viena socialista⁴, apesar do ambiente fascista austríaco e com o apoio de alguns dos primeiros psicanalistas, preocupavam-se com a avaliação e as nomenclaturas de sintomas capazes de tornar mais eficazes as políticas de saúde da infância (Tréhel, 2013). O objetivo era generoso, mas, com a dominação da ideologia nazista, ela impôs a triagem das crianças em função de suas deficiências, e os vienenses não só não se opuseram em nada a esse respeito (a não ser seu humanismo... e a psicanálise), mas também prepararam o terreno para tal. Asperger se destacou por distinguir os autistas que apresentavam um interesse social e os outros. Assim ele pôde, depois da guerra, ser apresentado como alguém que tinha salvado muitos deficientes (“socialmente úteis”) dos fornos crematórios e das experiências de Mengele, apesar da condenação à morte dos outros! *Na verdade, as nomenclaturas desativaram a possível função do sintoma ao reduzi-la ao índice de uma patologia ou a uma incapacidade social*: no entanto um regime de intensa ou total avaliação (até mesmo uma tentação eugenista) resultante da lógica neoliberal domina o período atual. O período nazista deveria servir de alerta. De fato, não amaríamos todas as crianças? Aquilo que torna cada pessoa única não merece a nossa atenção?

Singularidade e modernidade

O que faz a singularidade de cada pessoa é justamente aquilo cujo acesso se deve permitir às crianças. É isso que se opõe a uma teoria “para todos”. Josef Schovanec, no excelente

2 Autor de *L’homme cet inconnu*, prêmio Nobel de Medicina (1912). Eugenista, Carrel foi a tal ponto apropriado pelos ideólogos da extrema-direita que a Universidade de Lyon batizada em sua homenagem retiraria seu nome em 1996. O O Front National, ao que parece tentando trazer para si algo da respeitabilidade de Carrel, conseguiu, pelo contrário, com que este perdesse seu prestígio.

3 Ao Imaginário e ao Simbólico, ou seja, às coisas que são muito estranhas umas às outras, o Real fornece o elemento que pode mantê-los unidos. Eis aí algo que posso dizer que considero como nada mais que meu sintoma, minha maneira de levar a elocubração freudiana, no segundo grau, de levar o próprio sintoma ao segundo grau. (Ornicar 10, p.7 ; 13 abril 1976).

4 Os prefeitos da cidade antes do Anschluss eram socialistas: Jakob Reumann, socialdemocrata foi prefeito de 1919 a 1929 e primeiro governador da nova província de Viena; Karl Seitz, socialdemocrata, foi primeiro presidente da República da Áustria (entre as duas guerras), prefeito de 1923 a 1934; Rochard Schmitz, prefeito entre 1934 e 1938 (ano do Anschluss), era próximo do catolicismo social e antinazista (em campo de concentração em Dachau durante a guerra). Por esses motivos, Onfray recusa que Freud tenha sido vítima de antisemitismo (Onfray, 2010)!

prefácio à edição francesa do livro de Edith Sheffer, já o havia dito à sua maneira numa outra obra: não sou autista, o autismo não determina o que sou nem o que faço com isso; eu tenho um autismo. “Em matéria de autismo, sou uma farsa. Como não sou especialista no assunto e, portanto, não posso proferir discursos eruditos sobre ele, uma solução alternativa seria falar de mim mesmo (...). Exceto que nada indica que eu incarne o autismo de uma maneira específica”, escreve Schovanec (2012). E ainda: “Enfim, acredito que o ser humano é muito complexo. *Que não podemos nunca o descrever por um único critério*. Por isso não posso me definir pelo autismo; desconfio das teorias que tentam reduzir o ser humano a um mecanismo de relojoaria. *Não encerremos o ser humano numa caixa. Não há tal caixa*” (destaque nosso).

A ciência moderna promoveu uma língua que não é falada: a matemática. O casamento da tecnociência com o mercado deu um impulso ao capitalismo. De um lado, a pretensão à universalidade dos mitos e das religiões é desqualificada por não poder rivalizar em rigor com a ciência. De outro, o discurso capitalista reduz o sujeito ao indivíduo e promete curar-lhe da falta, forcluir a castração (a operação que permite ao sujeito simbolizar a falta na qual se funda seu desejo como intransitivo): o desejo é reduzido à necessidade, a falta se torna uma frustração que nos impele a incessantemente nos servir-nos do mercado. Num primeiro momento, como reação e para preservar o processo de humanização, a neurose se torna *religião privada* e compensa o declínio da *neurose universal* que é a religião. Freud observa em seus analisandos atribulados que o pai recupera a função mantida pelos deuses, a grande história (as grandes narrativas) dá lugar ao fantasma, a falta se torna castração, e a ligadura pelo mito é agora obtida por uma bricolagem, o sintoma. A psicanálise é assim o retorno no real daquilo que o Discurso Capitalista forclui e que a ciência deve deixar de lado em busca de objetividade e generalização.

A criança freudiana

Nesse contexto, uma mulher se ocupa de uma criança porque esta tem um lugar privilegiado em seu fantasma. Mas por que a criança confiaria nela? Embora se esforce para seduzi-la e ganhar sua atenção, nesse começo da vida ela só conhece a satisfação oral: o que é bom se come, o que é ruim se vomita, rejeita. Assim a criança entra numa fase de crise, a neurose infantil, presa entre o medo da devoração, se ela está a contento, e a angústia de “ser abandonada”, caso contrário. Ela só sai desse impasse quando alguém lhe faz saber que não é por um simples capricho que a mãe se ocupa dela, mas por desejo: esse desejo possui um (sobre)nome, o do parceiro junto do qual ela busca uma parcela de gozo e de quem ela conseguiu, eventualmente, que ele assumisse um cuidado (paternal) dos filhos.

Essa descoberta leva a criança a se interrogar, qualquer que seja a sua anatomia, quanto ao que esse outro – o parceiro, eventualmente o pai – poderia ter que ela, a criança, não somente não era, mas não tinha. Em qualquer caso, esse outro falta e, portanto, deseja. Quando por sua vez a criança busca responder à questão de o que ela é, ela é obrigada a tomar uma posição quanto ao sexo: resumidamente, do lado do pai, masculino, ou do lado da mãe, feminino – mas em todo caso tomando para si uma falta incurável, justamente aquela que Freud simboliza como castração. Assim nascem duas “raças de discursos”. A posição masculina designa aquela do sujeito enquanto aquele que confia nos meios da linguagem (Édipo, castração) para atingir o gozo incarnado pelo Outro sexo. A posição feminina é aquela do sujeito enquanto aquele que consente a essa encarnação, mas que espera em troca uma resposta de seu parceiro sobre aquilo *que ela é* – e, seja como for, que ele a ama. De forma que podemos dizer que *é como homem que o sujeito deseja, e como mulher que ele ama*. Há poucas chances de homens e mulheres se

encontrarem se eles não forem levados a isso pelo desejo e a copulação dos significantes, das palavras da linguagem. Por isso Lacan argumenta que não há relação sexual escrita, pois a relação sexual é também uma questão de fala entre sujeitos, e não entre organismos unicamente.

Nesse contexto, a criança é – no melhor dos casos – a metáfora do amor entre seus pais, amor do qual ela se beneficia. A criança ama a sua mãe pelo desejo que esta lhe deposita, e seu pai (o parceiro da mãe) merece ser amado por tê-la tirado da interpretação caprichosa e deletéria da mãe. A criança precisará de tempo para apreender as consequências dessa dupla descoberta: período de latência, ao final do qual terá um encontro, marcado pelo destino, com o sexo, o outro, o saber, o trabalho, as responsabilidades etc., munida igualmente da bagagem cultural para a qual ela foi despertada, ou seja, as palavras e o *tipo* de saber adequado para dar conta de sua relação com o mundo e com os outros...

A criança da pós-modernidade

Somente o Discurso Capitalista amplia o alcance da lógica que o anima. Explorando, em vez de grandes narrativas, uma ideologia, o cientismo, que pretende responder a todas as questões científicas e existenciais, é pelos meios da ciência que essa lógica da “avaliação de tudo” e do “para todos” rastreia a singularidade e suas manifestações nos menores recantos. Assim delinea-se a antropologia ideológica do “indivíduo” adaptado a esse sistema: homem organismo (cf. o conceito caro a Foucault de biopoder), homem empresa e, por fim, máquina, da qual o homem digital é apenas uma versão. O impacto sobre o sujeito que se deixa suggestionar por essa “nova antropologia” é terrível, uma vez que ela desfaz a própria possibilidade da neurose, e o faz partindo (tendencialmente) do amor. O amor pela criança teria vivido sua era de ouro?

De modo caricatural, a nova antropologia lança o indivíduo à vitrine do mercado, pronto para ser esmiuçado para a troca: escravidão, pedofilia, doações e tráfico de órgãos e de sangue, comercialização da reprodução medicamente assistida etc. O valor de um indivíduo é medido segundo sua rentabilidade, suas relações, sua fortuna, seus bens: assim, depois do trabalho, a casa, o carro e o parceiro, é de bom tom uma criança à exposição. Ela é amada tal como um vaso de porcelana do qual se esperaria que ampliasse seus bens e fosse bem-sucedido onde falhamos, metonímia do objeto perdido e recuperável, dessa vez, no mercado (ainda que alguns possam também desejar que ela os faça brilhar, mas sem com isso ofuscá-lo).

É claro que pais e mães há muito tempo querem ter orgulho de seus filhos, mas é a palavra *valor* que mudou de sentido: não são os valores da ética ou do ato que são apresentados, mas somente aqueles traduzíveis nos termos do mercado liberal. Nesse contexto, “amar os filhos” já se torna um sintagma ambíguo – e certas crianças de fato estariam numa situação melhor sem certas formas de amor parental. Pelo contrário, ter um valor aos olhos dos pais de quem se espera um amor impossível leva algumas pessoas para o pior: como no caso de um jovem encarcerado que pode argumentar que o dia mais feliz de sua vida foi aquele em que uma gangue o escolheu, aos cinco anos de idade, para roubar uma farmácia (por causa de seu tamanho): essa foi a primeira vez que alguém se importava com ele, e assim ele encontrou a “família” que por um tempo determinou seu destino...

Nosso mundo

De um lado, a antropologia afeta o sujeito que habita o discurso capitalista. De outro, a lógica neoliberal devasta o planeta. A sociedade atual está diante de uma crise polimorfa – econômica, ecológica, social e, finalmente, política – o que faz com que muitos tenham legitimamente que deixaremos um planeta devastado para as gerações futuras (Sauret, 2023). Segundo o relatório da Unicef intitulado *Situação Mundial da Infância 2019 – Crianças, alimentação e nutrição* (2020), pelo menos uma em cada três crianças com menos de 5 anos de idade (ou seja, 200 milhões de crianças de um total de 676 milhões), sofre de desnutrição ou de sobrepeso; 340 milhões (a metade) são atingidas pela fome (Aguayo, 2019). Quase duas em cada três crianças com idade entre 6 meses e 2 anos não consomem alimentos adequados para manter o rápido crescimento corporal e cerebral. Essa situação pode acarretar prejuízos ao desenvolvimento cerebral, prejudicar o aprendizado e enfraquecer o sistema imunológico, aumentando os riscos de infecções e, em muitos casos, de mortes⁵. Isso sem falar das carências culturais! Tal situação não é favorável à existência de um amor generalizado pelas crianças.

Pior ainda, uma ideologia está sendo implementada, graças aos progressos científicos (e sobretudo à tecnologia digital), segundo a qual os humanos poderiam enfim alcançar a imortalidade⁶ desvencilhando-se da vida: consentindo que uma nova etapa da evolução venha nos substituir por máquinas inteligentes. Imaginamos os efeitos desse discurso em nossos filhos e netos, aos quais dizemos claramente que sonhamos em pôr um fim à sucessão das gerações? De um lado, sob essa ótica, eles não poderiam mais gerar filhos por sua vez; de outra, o estado catastrófico do planeta sugere que os mais jovens poderiam nem mesmo atingir a idade adulta. Se é assim, a humanidade atual ama realmente as crianças?

Tornar a criança uma oportunidade

A “colapsologia” (Cochet, 2019) busca talvez nos alertar. Mas ela não estaria tentada por uma espécie de milenarismo *cientista* capaz de produzir um sentido compreensível a todos aqueles que vivem e são sensíveis à catástrofe que se anuncia? Alguns ficam aliviados de colocar um nome naquilo que secretamente temem. Mas isso ajudaria a enfrentar a situação, a mudar de modo de vida, a se comportar de outro modo? Ou tratar-se-ia na verdade de uma resignação, de uma esperança de que o raio caia ao lado, e até mesmo de um gozo de um fascínio pelo pior? Nenhuma teoria nos dispensa de tomar uma posição sobre a situação pela qual o neoliberalismo é responsável, garantindo a cumplicidade daqueles que, voluntariamente ou não, servem a ele. A criança convida todos a saírem de sua “servidão voluntária” e a encarar os fatos.

Assumir “o amor às crianças” exigiria salvar o planeta ao mesmo tempo que as condições de transmissão do processo de humanização. Não seria essa mesma falta de solidariedade que se exprime no drama mediterrâneo (que conta entre suas vítimas as crianças ditas “menores não acompanhados”)? E nos feminicídios? Na França, a cada ano, 220 mil mulheres adultas sofrem violências físicas e/ou sexuais da parte do (ex-)cônjuge; 3 em cada 4 declaram ter sofrido “atos de violência repetidos” e 8 em 10 foram submetidas a abusos psicológicos e/ou agressões

5 Disponível em: <https://www.unicef.org/brazil/relatorios/situacao-mundial-da-infancia-2019-crianca-alimentacao-e-nutricao>

6 Essa fantasia transumanista foi recusada. Dela encontramos uma forma “apresentável” no ideólogo do neoliberalismo que é, em nossa opinião, Yuval Noah Harari (2017).

verbais. Ainda neste país, 2% das mulheres sofreram estupro, enquanto um estudo do Ifop⁷ (2018) com 2.167 mulheres de 18 anos ou mais revela que 12% foram vítimas de um ou mais estupros ao longo da vida e 43% declaram ter sido submetidas a atos sexuais sem consentimento. Se 21 infanticídios são relatados como vítimas colaterais, nada é dito a respeito do “trauma” que é para uma criança testemunhar violências familiares ou lidar com uma mãe vítima de abuso (Tardif, 2019; Unicef, 2019).

Devemos também mencionar os crimes em massa, mais de um por dia nos Estados Unidos, dos quais ¼ (cerca de um episódio envolvendo armas de fogo por semana) ocorre em escolas, frequentemente sem vítimas fatais. Devemos igualmente mencionar o número mundial de homicídios (mais de 740 mil por ano, dos quais 490 mil fora de zonas de guerra, 541 por dia, 321.859 em 8 de junho, desde o começo de 2021⁸) etc. E o que dizer da negação massiva e das graves consequências relacionadas a casos de violência sexual contra crianças – 130 mil meninas e 35 mil meninos por ano, uma em cada cinco meninas, um em cada treze meninos –, dos quais 21% com menos de 6 anos de idade, segundo um relatório encomendado pela associação *Mémoire traumatique et victimologie* (citado por Fache, 2019)?

Se alguém ainda duvida do impacto deletério do neoliberalismo e de seu caráter predatório na infância, recomendamos a leitura do relatório (quadrienal) da Organização Internacional do Trabalho (OIT) e da Unicef⁹, segundo o qual o número de crianças forçadas a trabalhar (cuja metade tem entre 5 e 11 anos) atingiu 160 milhões no começo de 2020: 8,4 milhões a mais do que quatro anos antes. O que é ainda mais grave, com a queda das proteções sociais em relação a seu nível atual, previsível devido a medidas de austeridade e outros fatores (secundários à pandemia de Covid-19), esse número poderá saltar para 46 milhões até o fim de 2022.

Seria oportuno examinar os sintomas da infância, aqueles que resultam da mutação do saber e da transformação correlativas das instituições pedagógicas, escolares e universitárias (Sauret, 2020). Isso sem falar daqueles que resultam da degradação dos laços sociais, do isolamento social (Tajan, 2017) e de violências diversas. Também seria oportuno examinar (num cenário internacional) a evolução do direito e da justiça a respeito das crianças. Assim, na França, a diminuição da maioridade penal, a multiplicação das proibições (como a de aglomerações em edifícios, por exemplo) etc. dá a impressão de que a infância poderia abrigar uma verdadeira ameaça (Yahiaoui, 2018): manifestação no real daqueles que a geração precedente esquece.

Sob esse ponto de vista, a busca religiosa da parte dos novos convertidos radicalizados (mas não somente) soa como uma advertência sobre nossa incapacidade de propor às crianças e aos jovens não somente o compartilhamento, mas a participação na construção de um senso comum para suas vidas. Psicopatologizar a radicalização é mirar no alvo errado... Donde as mobilizações dos jovens em favor do clima, contra o comércio de armas, pela proteção de um espaço da biodiversidade ameaçada etc. Os jovens estão assim presentes em todos os movimentos de protesto, exigindo que os adultos “façam seu trabalho” para salvar o planeta e tornar a sociedade viável. Isso não é paradoxal? Aliás, isso não significaria que eles estão se utilizando de seus meios de realização – portanto daquilo que é bem-sucedido na transmissão – para compensar os limites dos mais velhos? Ou seria essa a confirmação da observação que Lacan tomou emprestado de Malraux: “Não existe gente grande”. Lacan comenta: “Eis o que

7 Institut Français d’Opinion Publique.

8 Segundo a página [globemeter.com](https://www.globemeter.com), consultada em 8 jun. 2021. Os números variam segundo as fontes: mais de 197 mil em 2009, 541 por dia, segundo <<https://www.planetoscope.com/mortalite/1200-homicides-commis-dans-le-monde.html>>. O único ponto em comum: o grande número e o seu aumento.

9 AFP, 10 jun. 2021.

assinala a entrada de um mundo inteiro no caminho da segregação”, e conclui, dirigindo-se aos que pretendem responder a tal situação: “Que alegria encontramos nós naquilo que constitui nosso trabalho?” (Lacan, 2003, p. 367).

Amar as crianças não significaria passar a consentir em escutar seus protestos e demandas? Assim como fez o primeiro antropeide elevado à humanidade justamente ao responder ao chamado de seu filho quando este disse “pai” (Castel, 2021)? Nossa humanidade e nossa humanização passam por nossos filhos, por nossas crianças. Isto é o que está em jogo na “batalha política da criança” (Sauret, 2017).

Referências

- Aguayo, V. (2019) relator do programa de nutrição da UNICEF, citado por *Le Monde* com AFP. Publicado em 15 out. 2019, 03h12. Atualizado em 15 out. 2019, à 10h19.
- Arènes, J. (2021), *L'art secret de faire des enfants. Essai sur les tourments du temps et de la filiation*, Paris, Cerf.
- Ariès, P. (1960), *L'Enfant et la vie familiale sous l'Ancien Régime*, Plon.
- Bruno, P. (2017). « Une personnalité peut-elle être harmonieuse ? Être de filiation ou être de symptôme », in Guillen, A. (org.), *Essais d'épistémologie pour la psychiatrie de demain*. Toulouse, Érès, pp. 67-79, DOI : <https://doi.org/10.3917/eres.guil.2017.01>
- Bruno, P. (2014) « Le transcendant », in Pierre Bruno et Marie-Jean Sauret, *Du divin au divan, Recherche en psychanalyse*, Toulouse, Erès, pp. 89-93, Doi : <https://doi.org/10.3917/eres.saure.2014.01>
- Castel, P.-H. (2021) *Mais pourquoi psychanalyser les enfants ?*, Paris, Cerf.
- Cochet, C. (2019). *Devant l'effondrement. Essai de collapsologie*, éd. Les Liens qui Libèrent, set. 2019.
- Fache, A. (2019). « Les violences sexuelles sur les enfants, fléau massif et caché », *L'Humanité*, 8 out. 2019, p. 14.
- Freud, S. (1956/2009). *La naissance de la psychanalyse : Lettres à Wilhelm Fliess, notes et plans (1887-1902)*, suivi de l' *Esquisse pour une psychologie scientifique*, réédition Paris, PUF.
- Freud, S. (1905/1992). *Le mot d'esprit et sa relation à l'inconscient (1905)*, Gallimard, Folio.
- Freud, *Métapsychologie (1915-1917/2010)*, PUF.
- Freud, S. (1912/2004). *Totem et Tabou, Totem et Tabou*, Payot, coll. « Petite Bibliothèque Payot » : OCF.P, XI, p. 189-386.
- Freud, S. (1915/2018), *Pulsions et destin des pulsions*, Paris, Petite Bibliothèque Payot
- Freud, S. (1930/2004). *Malaise dans la civilisation* in *Le Malaise dans la Culture*, PUF.
- Harari, Y. N. (2017). *Homo Deus, une brève histoire de l'avenir*, Paris, Albin Michel.
- Françoise Héritier, *Les Deux Sœurs et leur Mère : anthropologie de l'inceste*, Paris, Odile Jacob, 1997.
- Hugo, V. (1985). *L'art d'être grand-père*, Paris, Flammarion.

- IFOP, Fondation Jean-Jaurès. (2018). *Enquêtes sur les violences sexuelles*, acesso em 9 jun. 2021 em <https://www.ifop.com/publication/enquete-sur-les-violences-sexuelles/>
- Lacan, J. (1960-1961). *Le Séminaire VIII : Le transfert (1960-1961)*, document de travail de l'ALI, leçon du 23 novembre 1960 (version Seuil 2001).
- Lacan, J. (2001). “Alocução sobre as psicoses da criança”, *Outros escritos*, trad. Vera Ribeiro, Rio de Janeiro, Zahar, 2003. (« Allocution de clôture sur les psychoses de l'enfant », *Autres écrits*, Paris, Seuil, pp. 361-371. Obra original publicada em 1968.)
- Lacan, J. (1976). *Le Séminaire Livre XXIII : Le Sinthome*, aula de 13 abr. 1976, documento de trabalho da ALI (versão Seuil 2005).
- Le Roy Ladurie, E. (1979). « L'allaitement mercenaire en France au XVIIIe siècle », *La nourriture. Pour une anthropologie bioculturelle de l'alimentation, Communications*, Année 1979 31 pp. 15-21, acesso em 8 jun. 2021 em https://www.persee.fr/doc/comm_0588-8018_1979_num_31_1_1466
- Marinopoulos, S. (2019). *Une stratégie nationale pour la Santé Culturelle. Promouvoir et pérenniser l'éveil culturel et artistique de l'enfant de la naissance à 3 ans dans le lien à son parent (ECA-LEP)*, relatório ao ministro da Cultura, Mission « Culture petite enfance et parentalité », jan. 2019. Disponível em <file:///C:/Users/Marie-Jean/Downloads/SYNTHESE%20Rapport%20Strat%C3%A9gie%20Sant%C3%A9%20Culturelle%20S.Marinopoulos%20fev%202019.pdf>.
- Ohayon, A. (1999). *L'impossible rencontre. Psychologie et psychanalyse en France (1919-1969)*, Paris, Éditions La Découverte.
- Onfray, M. (2010). *Le Crépuscule d'une idole : L'Affabulation freudienne*, Paris, Grasset.
- Prochiantz, A. (2019). *Singe toi-même*, Paris, Odile Jacob.
- Sauret, M.-J. (2005). « L'enfant branché », *La Clinique lacanienne*, dossier : « De la féminité », 2005/2, n° 11, pp. 91-108, Doi : <https://doi.org/10.3917/cla.010.0021>
- Sauret, M.-J. (2017). *La bataille politique de l'enfant*, Toulouse, Erès, 2017, Doi : <https://doi.org/10.3917/eres.saure.2017.01>
- Sauret, M.-J. (2020). « Le symptôme scolaire », *Cliniques méditerranéennes – Psychanalyse et psychopathologie freudiennes*, dossier « Le sujet et la scolarité », n° 102, pp. 77-91, Doi : <https://doi.org/10.3917/cm.102.0077>
- Sauret, M.-J. (2023), *De la politique et de la psychanalyse : pas sans l'amour*, Toulouse, Erès, collection Entre les lignes.
- Sheffer, E. (2019). *Les enfants d'Asperger*, sous-titré *Le dossier noir des origines de l'autisme*, Paris, Flammarion.
- Schovanec, J. (2012). *Je suis à l'Est. Savant et autiste, un témoignage unique*, préface de Jean-Claude Ameisen, avant-propos de Sophie Revil, Paris, Plon.
- Süskind, P. (1988). *Le parfum, histoire d'un meurtrier* Paris, LGF, Livre de poche.
- Tajan, N. (2017). *Génération Hikikomori*, Paris, L'Harmattan.
- Tardif, F. (2019). « Grenelle des violences conjugales : les dix chiffres à connaître », CNEWS, Atualizado em 3 set. 2019, 12h32. Publicado em 3 set. 2019, 6h19, acesso em 8 jun. 2021 em <https://www.cnews.fr/france/2019-09-03/grenelle-des-violences-conjugales-les-10-chiffres-connaître->

[874922#:~:text=47%2C7%20%25%20des%20décès%20au,29%2C5%20%25%20des%20affaires](#)

Tréhel, G. (2013). « Sigmund Freud, Julius Wagner von Jauregg, Arnold Durig, Julius Tandler », *L'information psychiatrique* 2013/7 (Volume 89), pp. 587 à 598, Doi : <https://doi.org/10.3917/inpsy.8907.0587>

UNICEF. (2019) *Situação Mundial da Infância 2019 – Crianças, alimentação e nutrição*, <https://www.unicef.org/brazil/relatorios/situacao-mundial-da-infancia-2019-crianca-alimentacao-e-nutricao>

Veyne, P. (1992). *Les Grecs ont-ils cru à leurs mythes ? Essai sur l'imagination constituante*, Paris, Éditions du Seuil, « Points-histoire ».

Yahiaoui, G. (2018). *Adolescence, de l'insertion de l'individu à l'inscription du sujet : passage en protection de l'enfance*, tese de doutorado em Psicopatologia Clínica, Universidade de Toulouse 2 Jean-Jaurès.

Tradução: Flávio Taam

E-mail: flaviotaam@gmail.com

Revisão gramatical: Rodrigo Sartori

E-mail: sartori.rdr@gmail.com

Recebido em novembro de 2021 – Aceito em novembro de 2022.